

A Tessitura de um Esquecimento, o Romper de um Horizonte

Prof^a Dr^a Madalena Aparecida Machado¹ (UNEMAT)

Resumo:

A literatura do mato-grossense Ricardo Dicke se destaca devido a estética singular por se deter na poiesis ao invés da mimesis. Os personagens vivenciam o tríptico horizonte/silêncio/esquecimento ao procurarem saber mais de si mesmos. Na conflagração daquilo que são, se deparam com o devir e meditam enquanto tomam consciência da dimensão do que seja estar no mundo.

Palavras-chave: Dicke, conto, horizonte, esquecimento, silêncio

Introdução

A literatura de Ricardo Guilherme Dicke se destaca pela predominância de um olhar detido sobre a **poiesis** (o movimento criador) em detrimento da **mimesis** (a imitação). Nosso artigo pretende pensar os procedimentos teórico-literários em *Toada do Esquecido & Sinfonia Equestre* (2006) enquanto uma poética que se ocupa em desvendar a profundidade e/ou efeitos da tríptica vertente: horizonte/esquecimento/silêncio na qual seus personagens estão imersos. Nosso estudo reflete a narrativa do escritor mato-grossense no sentido de extrapolar discussões iniciais acerca de um regionalismo exaltado ou mesmo inferiorizado em relação ao cânone oficial, preferindo antes, inseri-la na movimentação contemporânea de uma estética literária que prima pela criação/valorização imagética do ser humano guiado pela busca de si. Sem respostas, na perplexidade de viver sem se conhecer, personagens como El Diablo sucumbe à materialidade das indagações não menos perplexo pelo esquecimento. Dando prosseguimento a essa procura, os sofrimentos dos passos, a linha do horizonte que separa desejos/sonhos dos personagens e situações formam as fronteiras da grande escuridão que os seres ficcionais trazem por dentro. Nossas indagações concernentes à Literatura enquanto criação artística, visam debater os limites discutíveis que inserem a poética de Ricardo Dicke num paisagismo regionalista.

Toada do Esquecido & Sinfonia Equestre (2006) são contos que elegem histórias de homens impulsionados por uma busca. O primeiro trata-se de um lugar para os personagens se esconderem e aproveitar o roubo do ouro. É uma nova saga de aventureiros na trajetória literária de Ricardo Dicke que já utilizou esse mesmo mote em *Madona dos Páramos* (1981). Após roubarem todo o ouro da companhia onde trabalhavam num garimpo chamado “O esquecido”, mascarados depois da festa do carnaval vão em direção à Vila Bela para de lá viajarem ao exterior. Ao longo do caminho, cinco homens, suas ambições e mistérios formam um círculo em torno do personagem El Diablo que aos poucos se metamorfoseia na imaginação dos personagens, na mulher de seus sonhos. Mortes acontecem no decorrer daquela viagem interminável, até que todos desaparecem restando apenas os sonhos fracassados e a imagem do ser humano guiado pela procura de si. Já em *Sinfonia equestre*, a narrativa se entretém na vingança da morte do pai de Janis Mohor que cavalga o sertão com a mesma altivez decidida em assassinar o turco Tariq Muza. Os sofrimentos dos passos, a linha do horizonte que a separa de seus objetivos formam as fronteiras da grande escuridão que a personagem traz por dentro. Ao seu redor os seres vão se transformando pela imaginação em seres equestres que em cada cavalgada deixa transparecer a valentia da moça guerreira, embora casada, permanece virgem ao amor seja ternura ou volúpia. Imagem semelhante ao que encontramos na moça sem nome de *Madona dos páramos*. Despida do apego às coisas do mundo, Janis chora de

incompreensão pelos acontecimentos vida à fora. Contudo, nessa saga de cavaleiros, a luta é inevitável e entre horizonte e esquecimento a batalha final revela os perdedores de tudo, da vida mal feita, das agruras encandecidas perfazendo uma sinfonia eqüestre cujos movimentos englobam o todo, infinitamente.

1. A poética distinta do escritor mato-grossense

Neste trabalho com os textos em prosa, a interpretação voltada a **poiesis** do autor mato-grossense se preocupa em situá-la no cenário nacional, sabidamente ocupado por raríssimos escritores da mesma qualidade estética. Tal hipótese exige um amplo olhar que distinga o fazer poético transcendente a discussões restritas em localizar a *cor local*, a *dinâmica nacional* e o *caráter universal* como é prerrogativa dos estudos da literatura nessa pós-modernidade. A observação acerca da poética de Ricardo Dicke se mover em torno de uma unidade de procedimentos e apropriações da tradição literária orientada pela **poiesis**, nos conduz a apontar a produção literária de forma geral e *Toada do esquecido & Sinfonia eqüestre* em particular, como um resultado em que se faz a tessitura de um movimento singular.

Se observarmos que o desdobramento de cada personagem ocupa um movimento e, se homem, cavalo e horizonte conjugam os três passos na composição da sinfonia aludida, teremos na metáfora do “sol [que] nascia imenso, vermelho e violeta (DICKE, 2006, p. 160) um surgimento do modo de se sentir mais pleno de humanidade exposto nos personagens. Na conjunção de visível e invisível em que se movimentam El Diablo, O Cavaleiro, Zabud, Elpenor, Mestre Gepetto e Palinuro, temos um horizonte à vista; um esquecimento a corroer o interior dos entes ficcionais e o silêncio que pontua o processo. Então, deixar ver e fazer falar os próprios seres da ficção requer atitude livre de preconceitos referentes ao saber automatizado, integral sobre o outro. A mudança, os sinais, enfim, a transformação pela qual passam os movimentos e aqueles que os provocam, implica na literatura do escritor mato-grossense o pontilhar de um caminho. Ao investigarmos os passos dos personagens neste caminhar o fazemos através do pensamento poético originário pois, é o que se abre totalmente à riqueza em que somos constituídos. Sendo assim, faz sentido que o conhecimento do ser esteja indissolúvelmente intrincado com a intelecção da ordem dos valores e orientação da vida.

O caminho de crescimento dos habitantes ficcionais é percorrido em meio ao silêncio. Neste, há o cessar das ocupações habituais e geralmente se cerca da consciência do que é estar vivo. O general Alfredo Augusto d’*O salário dos poetas* (2000) é um bom exemplo desta premissa com sua incapacidade de fugir do passado. A moça sem nome de *Madona dos páramos*, El Diablo e Janis Mohor de *Toada do esquecido & Sinfonia eqüestre* denotam a força da mulher condutora de seu próprio destino e o dos homens ao seu redor motivadas por aquilo que fazem em decorrência de um silêncio iniciador. Esta Literatura propicia ao que chamamos emergência do Ser naquilo que há de inconstante, o ilógico que, no último livro *Toada do esquecido & Sinfonia eqüestre* exaure a subjetividade em prospecção.

Do enunciado por Heráclito temos: “Se não esperar o inesperado não se descobrirá, sendo indescobrível e inacessível” (2005, p. 89). Tomemos o horizonte na obra de Ricardo Dicke como o inesperado que não se descobrirá, pois indescobrível e inacessível. O horizonte, uma imagem que se repete; visão para poucos dispostos à contemplação, o limiar entre o olhar e a indiferença é tênue. Em *Toada do Esquecido* essa imagem seduz como paisagens que vão se sucedendo mas sem chegar a um final esperado. Aqui os horizontes uivam pela terra queimada e pela morte iminente. Na visualização do narrador são, neste presente narrativo: seis e meia (DICKE, 2006, p. 24) a hora crepuscular em que é possível refletir com o tempo em transformação. Por vezes, os horizontes de curva perfeita se perfazem numa circunvizinhança de silêncio típico de quem se coloca de prontidão ao desconhecido como é o caso dos personagens mascarados em fuga.

A **poiesis** está efervescente quando os personagens entram em confronto com o próprio deles, ignorado tanto quanto aquilo que o horizonte anuncia. O doutor Nigromontanus, o Cavaleiro na percepção dos campos queimados tem à sua frente “os eternos horizontes com sua tarja negra que se abrem, se abrem cada vez mais... E os horizontes se transformam em sua imaginação em cidades fosforescentes, (...)” (DICKE, 2006, p. 47). Assim, já não é possível fugir de si mesmo e o Cavaleiro toma consciência disso. O inesperado que se descortina dá oportunidade ao personagem de pensar em si com a angústia do indescobrível, como observa o narrador em: “O dia passando irremediavelmente e uma grande tristeza se instala no coração do Cavaleiro a olhar essa imensa desolação que vai até os horizontes.” (idem, p. 79) Tal desolação surge primeiro de seu interior que começa a desbravar, em seguida projeta naquela paisagem destruída, por isso ela é tão ampla. Dessa maneira, podemos acentuar que o *logos* de Heráclito que só pode ser determinado por meio de imagens de acordo com o proposto por Werner Jaeger (2003, p. 225) eleva-se enquanto palavra e ação reflexivas em personagens singulares no texto de Ricardo Dicke.

Assim como Heráclito anuncia que os homens amantes da sabedoria são inquiridores de tudo, a começar de si mesmos, também faz saber que “nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos. (2005, p. 92). O horizonte que os personagens perseguem, o destino até Vila Bela e de lá ao exterior passa por uma estrada repleta de empecilhos. Ser mal feita, cheia de buracos, solavancos metaforiza os questionamentos a se empreender. Seguindo o pensador originário, afirma o narrador: “Não se passa duas vezes no mesmo rio, no mesmo livro, na mesma estrada.” (DICKE, 2006, p. 80). O amadurecimento, a experiência adquiridos ao longo da jornada confirmam a criação dos personagens com base nos horizontes que eles mesmos traçam. Então, não importa se chegarão ou não até o fim almejado, ser circundado por esse horizonte é o mais importante tendo em vista as perguntas que se fazem, as agruras que sofrem já que “tudo passa e nunca passa duas vezes.” (idem, p. 108).

Os personagens cujos pensamentos e atitudes são refratários às virtudes heróicas do Homem, também somam-se numa nova concepção do lugar existencial. Dessa maneira já não podemos falar de representações ideais ou de uma estrutura possivelmente natural, amadurecida por tratar de seres que se criam. Exatamente por se radicar na contramão dessa perspectiva, qual seja, à maneira de Heráclito perceber o universal, o *logos*, enquanto linguagem, o dizer que implica um recolher é ficcionalizado em Dicke na sua criação poética: “pobres campos comburidos perpetuam-se contra os horizontes de todos os lados, e de todos os lados vem um grande silêncio que late como cães porejantes dentro deles.” (DICKE, 2006, p. 85). Aqui o horizonte esgarça consciências enquanto o silêncio congrega angústias, miúdas a princípio, insuportáveis quando instaladas, porque reveladoras. Dicke, com seus personagens instiga a ausculta, a busca incessante, negando o tradicional, eles despertam para uma restauração de si mesmos, dando abertura para uma compreensão mais ampla.

Zabud é o personagem controlador do tempo. Mesmo sem ninguém perguntar ele está sempre a relatar as horas. O amanhecer ou o anoitecer naquela fuga alucinada deixa de marcar um ciclo temporal em detrimento de um acontecer maior. O silêncio de nuvens baixas, negras e horizontes quentes é introjetado por cada personagem afim com o tempo do pensamento. A hora principal é a do silêncio que pousou neles em confronto com a solidão. A insistência de Zabud em informar as horas cronometradas, desnecessárias à aventura interior de seus companheiros pode ser comparada ao tempo principal de acordo com o narrador: todo tempo possível é perdido. Se o possível não tem mais sentido é o impossível que se faz notar. À semelhança do que encontramos no provável desfecho da viagem em Vila Bela, especificamente num bairro chamado Velho Horizonte, não importa mais a negociação, os apetrechos, a sobrevivência embora “proprietários” de uma grande quantia em ouro. Prevalece a vontade de saber, um saber aprofundado em que pese:

Onde estão os ninhos dos pássaros, o que falam as formigas, o que sonham os mais loucos poetas, o que pensamos ontem, onde vai o tempo, onde está Deus, o que

acontece depois da morte, onde se afunda o nosso inconsciente: (...) (DICKE, 2006, p. 103-104)

Perguntas que dão forma ao horizonte em debate. As mortes de cada personagem em meio ao seu próprio silêncio inventaria a vida (mesmo de curta duração) que eles experimentam com um outro sentido, para logo em seguida serem vítimas da ambição em que se lançaram. Sucumbem o Cavaleiro, Palinuro, mestre Gepetto, Elpenor, Zabud e por fim El Diablo não sem antes usufruírem do encanto da Toada do Esquecido, marco divisor na narrativa. Esta, só se torna possível em meio ao silêncio enquanto abertura para aquilo que os próprios personagens são. No ponto de maior tensão/emoção do conto, o esquecimento extravasa na canção desde o título, na repetição do termo e nas suas variantes: ora é o “país do Esquecimento”, ora é o “Esquecimento esquecido”; “eternamente olvidado”; “vago no país do Olvido”; “esquecimentos eternos”; “Esquecimento vazio”. Todas as expressões definem um sentimento de quem – no silêncio – se depara com a insignificância de seu ser; o anonimato de quem se refugia à beira de um horizonte de dores e por isso mesmo propenso a percorrer com as pupilas tristes, o rumor do rio de experiências quando se morre aglomerando felicidades e danos. Na solidão os personagens experimentam uma nova maneira de enxergar a vida. Sozinhos onde os horizontes se perdem e eles perdidos do mundo, desconhecidos com seu interior não mais atribuem sentido às horas do relógio, sequer ao ouro que carregam como um peso a mais em suas vidas. Lembremos que esta reflexão dos personagens recebeu uma versão na Noite da Predestinação em *Cerimônias do Esquecimento* (1995).

A denúncia que o autor faz ao mostrar os campos desolados e carbonizados de Mato Grosso em contraste com as notícias que os personagens ouvem na rádio sobre as coisas que estão aquém de suas realidades, muita das vezes até mesmo em idiomas diferentes, mostra-nos o esquecimento em que estes vivem em relação ao resto do mundo. O olvido aqui provoca nos seres fictícios um sentimento de isolamento, que faz com que eles esqueçam de quem são realmente, mascarando e vivendo vidas diferentes. Conforme observamos em: “Não há ninguém nesta solidão ... Não vêem? Esta solidão perde-se de vista até os horizontes...” (DICKE, 2006, p. 43). O estar esquecido pelo resto do mundo aliena os personagens que esquecem de si e o que fazem é repetir o que outros fizeram ou tentaram fazer, à semelhança do papagaio, repetidor das palavras, das horas na narrativa. O esquecimento também é perceptível quando os que morrem são deixados para trás sem ao menos um enterro. Assim como as árvores e toda a natureza que a compõe, carbonizados nos campos matogrossenses, esquecidos pelos homens, também os mortos, um a um, são esquecidos por aqueles que esqueceram de si mesmos na busca daquilo que não sabem o quê. Nessa errância errante que os leva a lugar nenhum, repetindo o que já foi feito antes pelo homem; podemos fazer uma analogia com a presença do papagaio no conto, eles correm atrás de coisas materiais e usam desse pretexto para fugir daquele que os persegue e quer se fazer conhecido: o “eu”. Nessa fuga, o que ocorre no fim é a morte paulatinamente, na busca frustrada de êxito naquilo que para os personagens parece paradoxo: viver aprisionados em uma máscara.

El Diablo se revela como uma moça ao se banhar tranquilamente em um rio depois de ter assassinado os quatro companheiros até então. Jura a El Zabud que não o tocará. A moça sem nome de *Madona dos Páramos* é retomada neste conto seja pelo desconhecido que ela representa, seja pela condução do destino dos demais personagens nas suas trajetórias existenciais. A identidade por incógnita, a atitude firme são traços que levam Zabud a se encantar por ela; a imagem desperta um súbito amor, ternura, mas a prudência se revela maior enquanto o sonho age ao invés do próprio Zabud. Na paixão há o esquecimento do perigo e com isso os horizontes se fecham para o personagem. O espaço é o da Chapada dos Parecis, estão no jipe somente El Diablo e o deus das moscas no tempo se metamorfoseando: “Como sempre **quase** (grifo meu) sempre anoitece” (DICKE, 2006, p. 130). O “quase” denota a força de compreensão representada pelo limiar que o horizonte aqui metaforiza. Zabud é a próxima vítima de El Diablo que não tem mais tempo para usufruir a Toada do Esquecido ou é submerso por esta. Sozinho, aparentemente o único dono do ouro, vê sua riqueza se espalhar pelo chão de forma que o silêncio da desumanidade com que tratou

seus companheiros, agora o sufoca. Na frase que repete próximo do fim de sua vida: “todo o ouro”, não apresenta nenhum significado diante do imenso vazio que sente. Faz mais sentido a voz do papagaio ao definir o mundo, o grande teatro do mundo onde as incertezas dos personagens são repassadas até chegar o declínio da assassina: “mundo horroroso, horrível, hórrido, horrendo”. A razão não se atribui apenas à morte da protagonista mas a impossibilidade de alguém poder ouvir a Toada do Esquecido e se deixar tocar pela canção que contempla toda a espécie de desafortunados da vida.

O objetivo aparente ao qual os personagens se lançam nos dois contos: a fuga com o ouro e a vingança da morte prenunciam uma descoberta a se fazer. Antevemos a **poiésis** agindo quando, principalmente os protagonistas se põe a pensar sobre suas práticas existenciais, diríamos mesmo se tratar da formação de um novo tipo de homem mais condizente com seu interior. Ainda é preciso ressaltar que este interior se dispõe na forma de caos. Então as incertezas se avultam: atingir a meta sozinho é o desejo de El Diablo enquanto a desconfiança em relação ao comportamento dos demais personagens impera. As dúvidas de Janis Mohor no segundo conto se aglomeram e ela já não vê sentido naquilo que o mundo valoriza, é quando ela praticamente se desfaz da herança paterna; não concretiza o casamento e reza numa prece pelo mundo e por si mesma.

O problema do ser é o que mais preocupa os protagonistas. Neste sentido, condizem com o especificado por Martin Heidegger quando, “pensar a transformação e, sobretudo, o despertar do relacionamento com o ser.” (2002, p. 115). Em primeiro lugar isto redundaria no uso das máscaras na *Toada*, depois vem como a cavalgada dando formato à *Sinfonia*. O disfarce esconde mais que a identidade dos ladrões de ouro. Esconde aquilo que os homens de papel não puderam atingir e adiam o quanto podem alcançar. Já a retomada de cavalos míticos, lendários, heróicos junto de seus cavaleiros indicia um aprofundamento do ser que somente os homens dotados de sensibilidade para a compreensão de um pensamento pode modificar, disto vem o amadurecimento e a riqueza daquele que é capaz de formulá-lo. Neste momento precisamos destacar personagens que são uma espécie de referência na literatura de Ricardo Dicke. São como portadores de uma visão de mundo em tudo diferenciada em relação à objetividade nos modos e maneiras de se conduzir o vir a ser. Contrário aos gregos “no seu anseio por um sentido novo e elevado da vida, está em contato com o esforço do pensamento racional das concepções filosóficas para atingirem uma ‘norma’ objetiva no ser cósmico” (JAEGER, 2003, p. 208). A norma existente no texto literário em questão é a do caos performativo, a desordem interior refletida nos pensamentos, reflexões que denotam a expressividade nos modos de ser dos personagens.

No conto *Toada do Esquecido* o personagem que desperta visão diferenciada é o Doutor Basualdo Nigromontanus, um professor que professará conforme especifica o narrador, é mais conhecido como o Cavaleiro. Não por acaso é ele quem dirige a kombi em boa parte da trama onde todos se encontram na efetivação da fuga, portanto é quem dita o rumo a seguirem, é chamado de chefe, aquele que impõe as regras como no caso do uso das máscaras. O que por outro lado, se torna o desconhecimento da subjetividade, tão forte a ponto de se exteriorizar nos personagens com seu uso. Vigora naquele os contornos do ser enquanto “condição da vida por ela mesma colocada.” (HEIDEGGER, 2002, p. 116). Além do que, é ele quem atenta para o silêncio; pressente em El Diablo depois dela cantar a Toada do esquecido, a mulher dos sonhos de todos a seu redor; é o único que possui um livro em meio a posse do ouro. Aquele que pára na intenção de meditar, refletir olhando para o céu. Mais tarde se mostra sensível à música ao solicitar a Zabud que colocasse alguma música no rádio. Demonstrando sua percepção maior que os dados objetivos, o Cavaleiro pondera:

Como se fosse o próprio habitante de Ganimedes, satélite de Alcione que viesse nos visitar... É trágica a verdadeira condição do homem: fechado em si mesmo incommunicavelmente, nada pode dizer de si, de seu mais íntimo, daquilo que se lhe

passa no âmago, porque ninguém o entenderá se o disser, até que a morte chegue: só aqui e agora nós entendemos... (DICKE, 2006, p. 33)

O presente não somente da narrativa mas, do personagem e toda sua carga de indefinição apresenta-se por outro lado como a oportunidade de se pensar sobre. Ele observa os demais companheiros e denota apuro na imagem que desfruta. O horizonte lhe abre as possibilidades de compreensão e no silêncio é tomado pelo esquecimento relativo à posse do ouro desmerecido perto do sentimento crescente em relação à presença de El Diablo. É quando procura avidamente por música; observa a paisagem dos campos queimados, também se mostra capaz de contar histórias ao que os demais companheiros são insensíveis para ouvir e dormem. Do sono deles é capaz de retirar as dúvidas que lhe consomem acerca da inutilidade daquilo que diz ou faz, de ser a Terra um imenso teatro furioso da humanidade no qual ele se insere, cujo palco oscila no abismo. Por isso é capaz de concluir: “Nada, desolação, o mundo é uma infindável e grande desolação...” (DICKE, 2006, p. 80). Para chegar a essa conclusão vemos que o Cavaleiro abandona sua vida rotineira, o comum dos seus dias em contato com a biblioteca, os dias e noites bem conhecidos e experimenta o fluir do tempo de uma maneira triste mas, diferenciada. É o início de um novo olhar, uma nova dimensão das coisas naquele instante em que nem é mais dia nem a noite tem seus efeitos. A criação de si se configura também em momentos como: “E o Cavaleiro pensa: sim, o sonho já se acabou, mas sempre renascerão outros novos sonhos... (idem, p. 94). O que dá margem para o segundo conto do livro – *Sinfonia Equestre* – entoar a tessitura de um novo horizonte.

Conclusão

À semelhança do que encontramos em *Toada do esquecido* no qual a protagonista é quem canta para o inebriamento dos demais personagens, Janis Mohor na *Sinfonia* é a personagem que perfaz o sentido de si ao ouvir o som da diversidade. Depois da morte do pai se vê em meio às contradições da vida; recebeu uma valiosa herança que deixa de ter valor, não é feliz e a vida parece não ter mais sentido. Diante dos questionamentos de Janis sobre a existência, a morte, o destino e as pessoas é inevitável o encontro com o abismo, pois as respostas não existem e a dor é parte do crescimento interior da personagem. Outro fato interessante que o autor aborda no conto é a negação dos padrões a serem seguidos. Não existe mais os ditames acerca de como agir ou comportar, à maneira do que Dicke representa com Janis, uma jovem de vinte anos, rica, casada e ainda virgem até a morte, consciente a ponto de: “todos os sonhos que sonhamos em vida voltam ausentes.” (DICKE, 2006, p. 163). Para chegar a esta percepção, a personagem “aprendeu” mais de si com Belizário. Este personagem como o Cavaleiro, concentra o lado sensível da vida: contador de histórias, misto de filósofo, monge e médico, conduz a protagonista pelos horizontes emoldurados com o silêncio.

Sinfonia Equestre retoma a presença de cavalos alados, históricos ou míticos que precedem os personagens para eles saberem mais quem são. Belizário e Janis montados em Babieca e Rocinante respectivamente, na plena efervescência da incompreensão mencionada, acompanham a transformação das coisas e pessoas em seres equestres. É o instante que Janis declama um poema no qual a água sagra mais que limpa o corpo; são capazes de chorar acompanhando o nascer do sol no horizonte; e, se no conto anterior quase sempre era noite, neste: “amanhecia, sempre amanhecia.” (DICKE, 2006, p. 153). Novamente a força imagética do horizonte contribui na expansão vivencial dos personagens. O não se lembrar de mais nada equivale a cavalgar rumo ao horizonte, confundir homem e sombra que se estendem como se estivessem ambos à procura de si sem, no entanto, se encontrarem. Oblivion e horizonte fazem um amálgama antepondo a eternidade que se anuncia, qual seja, a busca maior dos seres fictícios.

Assim como as fazendas se fecham em círculos alaranjados a fim de orquestrar a citada sinfonia, a vida completa sua composição à maneira de Heráclito retomado por Jan ao recordar as palavras da esposa Janis: “(...) tudo passa, até as lágrimas que inundam as faces dos homens que choram, (...)”. (DICKE, 2006, p. 166) Jan que é um personagem construtor de sensibilidade, põe fim à própria vida. Por não suportar as misérias do mundo? A dor de viver? Certo é que o encontramos sufocado por um esquecimento após a morte de Janis que, em suas palavras finais repete o pensador originário: “O mundo é redondo e anda em círculos. Tudo anda em círculos. Juntou as mãos em oração e deu seu último suspiro.” (DICKE, 2006, p. 164) Ao que compreendemos a configuração do humano num vasto mundo de solidão no qual o questionamento e a reflexão é o que leva o ser a expor pontos de vista; deixar rastros de indignação e assim expressar espontaneidade, o desejo de transformar-se pautado no caos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DICKE, Ricardo Guilherme. **Toada do Esquecido ; Sinfonia Equestre**, Cuiabá: Carlini & Caniato; Cathedral Publicações, 2006

_____. **Madona dos páramos**. Rio de Janeiro: Antares, 1981

_____. **Cerimônias do esquecimento**. Cuiabá: Editora da UFMT, 1995

_____. **O salário dos poetas**. Cuiabá – Lei estadual de incentivo à cultura, 2000

HEIDEGGER, Martin. **Heráclito: A origem do pensamento ocidental: Lógica: a doutrina heraclítica do *logos***. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002

JAEGGER, Werner. **Paidéia: A formação do homem grego**. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001

SOUZA, José Cavalcante de. (Sup.) **Os Pré-socráticos**. (Coleção Os pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 2005

Autora

¹ Madalena Aparecida **MACHADO, Profª Drª**
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)
Departamento de Letras
E-mail: madaglae@yahoo.com.br